

A universidade do grande educador do PSD quer fazer “jotas” bons

Juntar uma centena de jovens num hotel pode ser incontrolável. Mas há cinco anos que o deputado europeu Carlos Coelho prova que a juventude partidária pode ser disciplinada

Reportagem

Ricardo Dias Felner

● Ao final de cinco dias, uma constatação prosaica confirmou a originalidade do acontecimento. Durante mais de dez horas, divididas por três conferências, numa sala com uma média de idades de 23,7 anos, não se ouviu um toque de telemóvel, uma ameaça sequer, um simples bíp de uma mensagem de SMS. O feito, por si assinalável, somava-se a uma outra realização notável. Por uma vez, em iniciativas políticas do PSD, os oradores começavam e acabavam as suas intervenções no horário previsto; por uma vez, não havia impasses organizativos, não havia saídas da sala em momentos mais mortos. Não havia, praticamente, momentos mortos.

Fechados num hotel em Castelo de Vide, alunos sociais-democratas de um curso de formação política mostravam uma disciplina militar, vontade de aprender para além da pequena estratégia concelhia e uma resistência estática. Com as palestras a começarem às dez da manhã, os trabalhos duravam até quase à meia-noite, interrompendo brevemente para o almoço, lanche e jantar. Mas a jornada não acabava aqui. Seguiam-se as reuniões intragrupo, nos quartos, que por vezes se estendiam madrugada dentro. No começo da semana, era mesmo habitual os alunos ficarem a pé até às 7h00, preparando perguntas para fazer ao orador da manhã seguinte, ou orquestrando a estratégia para a sessão plenária da tarde, ou redigindo os questionários a enviar, por e-mail, a Ramos-Horta e a Durão Barroso. Tudo isto sem que, pelo meio, houvesse jogos recreativos (de cartas ou outros mais picantes), sem que se recorresse a estimulantes ou tranquilizantes, sem uma escapadela à discoteca (não há, em Castelo de Vide), sem um pezinho no bar (há um, mas fecha às duas da manhã). Apenas trabalho.

Avaliação e motivação

Antes de se inscrever no curso de 2006, Jorge Varela, 31 anos, actual conselheiro da direcção da Universidade de Veroão (UV), julgava que esta iniciativa do PSD - que tem um nome que remete para o imaginário estival - era uma coisa semilúdica. E, por isso, o jovem advogado das Caldas da Rainha admitiu que talvez pudesse levar também a sua mulher, para uns dias de passeio a dois. Quando o responsável pela UV foi confrontado com esta ideia, achou



ANTÓNIO CARABATO

inusual - e deve ter contraído um sorriso cínico. Mas aceitou.

O candidato, e sobretudo a sua companhia, acabariam por se arrepender. “A minha mulher passou o tempo todo sozinha no quarto, porque eu estava sempre nas conferências”, recorda, admitindo: “Fiquei surpreendido com o nível de exigência e com a forma como 100 alunos se entregavam dia e noite ao trabalho”, diz Jorge Varela, que acabaria por ter as melhores notas desse ano e ser repescado para a organização da UV.

Hoje, este militante recente, que diz nunca ter frequentado o círculo da “jota”, não tem dúvidas: o segredo do sucesso é Carlos Coelho, o deputado europeu que em 2003 aceitou o desafio de Durão Barroso de criar um curso de formação para quadros políticos do partido. “O seu empenho e a exigência na organização fazem com que toda a gente sinta a responsabilidade de dar o máximo”, justifica.

Sentem os alunos, mas sentem também os professores. Que o diga Marcelo Rebelo de Sousa, repetente em Castelo de Vide nos últimos quatro anos, e sempre um dos protagonistas do curso. Já no fim da sua exposição, sexta-feira,

*Com as palestras
a começarem
às dez da manhã,
os trabalhos
duravam até
quase à meia-noite,
interrompendo
brevemente
para o almoço,
lanche e jantar*

Carlos Coelho começou a passar-lhe papelinhos, sorrizadamente. As tantas, quando discorria sobre os tiques autoritários do primeiro-ministro, o professor de Direito fartou-se dos recados: “Já percebi. Você está-me a ficar um socratista no controlo do tempo”, exclamou, dando uma forte palmada nas costas de Coelho, para gáudio da audiência. A pontualidade é uma das características de Coelho. Mas não a única. Nem porventura a mais

decisiva. Todo o curso está cheio de mecanismos de controlo, de avaliação, de motivação, de grande complexidade e pormenor.

Numa reunião de trabalho a que o PÚBLICO assistiu, com Carlos Coelho e o grupo que dirige a UV, já passava das 24h00, afixava-se o plenário parlamentar, que decorreria no dia seguinte. Novamente nada foi deixado ao acaso. “Bividi os temas por ‘picantes’, outros pela categoria ‘complexos’, e outros porque ‘fomentam o debate’. Quero saber o que acham desta classificação e depois a minha ideia é intercalá-los, para se evitarem momentos mortos”, lançava Carlos Coelho.

O carrasco de Pacheco

É duvidoso que a estratégia, neste caso, tenha sido decisiva. Mas o debate acabou por ser vivo, revelando a atracção nos jovens exercida pela cultura, pela linguagem e pela estética da Assembleia da República. Muitos vestiram blazer para a ocasião e era com um deleite vaidoso que apertavam o primeiro botão quando se levantavam para as suas intervenções, que mimetizavam, quase sempre de forma sarcástica, os “muito bem”

que enchem o hemiciclo durante os plenários, e que repetiam tácticas de vitimização (“As pessoas que me conhecem sabem que eu não admito ofensas pessoais, sr. deputado”) ou o argumentário de contra-ataque “apresenta-medidas-concretas-senhor-deputado”.

No final, Carlos Coelho e Rodrigo Moita de Deus comentavam as performances: atenção ao tempo, atenção à dramatização excessiva, atenção ao cabelo à frente dos olhos. À noite, os alunos vingavam-se com tanta avaliação. Vasco Graça Moura, convidado para o jantar/conferência, foi instado pelos alunos a verbalizar o contra-ataque, lendo um poema instantâneo de homenagem ao “Coelho careca”. A sala demorou-se numa ovação comovida ao “magnífico reitor”. O grande educador do PSD, depois de esmifrar os seus formandos, saiu em braços. Terminada a quinta Universidade de Veroão do PSD, a tese de meio país de Pacheco Pereira - lembrado a propósito, numa das intervenções, como o arauto da inutilidade das juventudes partidárias - parecia, assim, derrotada por uma improbabilidade social e política, que todos os anos, desde 2003, se repete num hotel de três estrelas do Alentejo.